

RESENHA**“NÃO-LUGARES”: UMA RESENHA DO LIVRO DE MARC AUGÉ**

Cristiane Palma dos Santos Bourguignon ¹

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papiрус, 2012, 111 páginas.

Marc Augé é antropólogo e coordena pesquisas na École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS), em Paris, na França. Foi citando o colóquio de Jean Starobinski sobre o Outro e o Semelhante, em 1987, que Augé inicia o livro retomando o tema da antropologia do próximo (p.13). Para Augé, a antropologia “sempre foi uma antropologia do aqui e do agora”, por isso a expressão “antropologia histórica” é ambígua (p.14). A antropologia do próximo é uma antropologia atual, pois até então somente eram estudados na antropologia o diferente, o Outro, o outro exótico e o longínquo, o estranho localizado num lugar físico também estranho.

A pesquisa atual da antropologia trata da questão do Outro: o outro exótico, o outro social, o outro íntimo e o outro dos outros, que é o outro étnico, o diferente, “que se define em relação a um conjunto de outros supostamente idênticos” (p. 23). Augé relembra o interesse da antropologia sobre a representação do indivíduo como sendo uma construção social, porque “toda representação do indivíduo é uma representação do vínculo social” (p. 24).

Devido às transformações aceleradas, o mundo contemporâneo “chama o olhar antropológico” (p. 27). Augé se atenta para três dessas transformações: o tempo, o espaço e o indivíduo. Para Augé, a superabundância dos fatos constitui um problema, mais do que os horrores do século XX. Hoje, o ontem já se transforma em história, tudo é acontecimento e devido à superabundância dos fatos, nada é de fato

¹ Professora da FESV, Psicóloga, Mestre em Teatro-Educação pela UNIRIO e Doutoranda em Letras pela UFES. e-mail: cristiane_palma@hotmail.com

um acontecimento. O autor apresenta a necessidade contemporânea em dar sentido ao presente, “é o resgate da superabundância factual que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de ‘supermodernidade’ para dar conta de sua modalidade essencial: o excesso” (p.32).

Augé utiliza o termo supermodernidade (*surmodernité*), mostrando um afastamento do termo pós-modernidade, pois o abundante uso do termo pode desgastá-lo e esvaziá-lo de sentido. Supermodernidade é um termo que tenta dar conta do excesso. Augé marca enquanto objeto de pesquisa da antropologia a situação de supermodernidade.

A segunda transformação se refere ao espaço, um espaço relacionado ao “encolhimento do planeta”, por conta de satélites e de “nossos primeiros passos no espaço” (p.33). Esse encolhimento do mundo e essa superabundância do espaço levam à produção de “não lugares”, como “instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens” (aeroportos, rodoviárias, salas de espera, estações de metrô), os meios de transporte (aviões, trens de grande velocidade), os grandes centros comerciais (hipermercados, shoppings) e ainda os campos de trânsito prolongado (campo de refugiados) (p.36).

A terceira figura de excesso que o autor apresenta é a figura do indivíduo (ego). Augé retoma Michel de Certeau e Sigmund Freud para falar do homem médio, para Freud “homem comum”, opondo-se à média dos indivíduos reflexivos de Marcel Mauss. Hoje, o peso maior é dado “à individualização das referências”, o indivíduo da supermodernidade se vê como referência e singularidade para interpretar as informações e a realidade que lhe são apresentadas.

Augé coloca os “não lugares” em oposição ao lugar antropológico, que é “princípio de sentido para aqueles que o habitam”. O lugar antropológico pode ser criador de identidade, pois se refere ao lugar de origem, concreto ou simbólico; pode ser um lugar histórico, porque se refere à história de nativos.

Augé retoma as concepções de Certeau a respeito do espaço, que para ele é um lugar praticado. “O termo ‘espaço’ é mais abstrato do que o de lugar, cujo emprego se refere a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico)” (p. 77). O termo espaço é abstrato e requer um uso diferenciado que surge em expressões como “espaço aéreo”, “espaço judiciário”, “espaço publicitário”. São termos pertencentes à contemporaneidade: “imagem, liberdade, deslocamento” (p. 78).

Augé cita Certeau para situar o termo “não lugar” como uma ausência de lugar, principalmente quando “existem espaços onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe” (p.80). Tal fenômeno pode ser percebido melhor quando pensamos na situação do viajante, cujo espaço praticado enquanto viaja seria “o arquétipo do *não lugar*” (p. 81).

Para Augé, os não lugares da supermodernidade (na estrada, no supermercado, no aeroporto), “definem-se pelas palavras ou textos que nos propõe”. Normalmente são frases imperativas, informativas ou proibitivas colocadas em espaços onde se supõe que as pessoas deverão somente interagir com os textos e não umas com as outras. Augé se refere à condição de isolamento que os não lugares nos remetem. Os não lugares nos colocam em espaços que nos deixam sem identidade, pois o espaço do não lugar “cria solidão e similitude” (p. 95).

“Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se” (p. 98). Os não lugares são o lugar da supermodernidade, que remete a termos que descrevem a nova realidade, como trânsito em oposição a domicílio, passageiro diferente de viajante, “o vocabulário tece a trama dos hábitos, educa o olhar, informa a paisagem” (p. 99).

A pesquisa antropológica, seguindo as propostas de Augé, deveria estar mais atenta para este novo objeto de pesquisa que se apresenta na supermodernidade, o não lugar, onde se encontram novas e diferentes relações humanas, ou como podemos arriscar: não relações.

Estamos expostos aos não lugares e por consequência às não relações. Na visão de Augé sobre a supermodernidade, precisamos conhecer melhor esse novo sujeito-objeto da antropologia, um sujeito que passa por não lugares e que “estabelece” não relações, ou relações destituídas de significação e de ancoragem simbólica. A reflexão que este livro nos remete pode passar por um dilema contemporâneo: “afinal, onde não estamos”?